



CATOLICISMO E ESPAÇO PÚBLICO: PRÁTICAS DE APROPRIAÇÃO RELIGIOSA NA SEMANA SANTA EM FRANCISCO SÁ (MG)

Catholicism and public space: practices of religious appropriation during holy week in Francisco Sá (MG)

Catolicismo y espacio público: prácticas de apropiación religiosa durante la semana santa en Francisco Sá (MG)

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v28.1123>

Vanessa Tamiris Rodrigues Rocha¹

Nalanda Cecília Silva Vasconcelos²

Rahyan de Carvalho Alves³

Carlos Alexandre de Bortolo⁴

Histórico do Artigo:

Recebido em 22 de abril de 2025

Aceito em 08 de abril de 2026

Publicado em 17 de maio de 2026

RESUMO

Os espaços públicos são locais de encontro entre os diversos grupos que compõem a cidade. As praças são exemplos de espaços que apresentam um mix de usos e apropriações (encontros, lazer, manifestações políticas, culturais e religiosas). Isto posto, o objetivo deste trabalho é compreender a apropriação dos espaços públicos da cidade de Francisco Sá (Minas Gerais/Brasil), especialmente das praças, como locais de manifestação religiosa, sobretudo, do catolicismo. Para tanto, utilizou-se como metodologia: revisão bibliográfica, levantamento cartográfico com o uso do *software* QGIS 3.26 e realização de trabalhos de campo com enfoque etnográfico. As atividades ocorreram nos dias 13 e 18 de abril de 2025 — datas que integram a celebração da Semana Santa — em períodos diurno e

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Email: vanessatamiris@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8223-2785>


² Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Email: vasconcelosnalanda00@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-2010-2255>

³ Professor efetivo da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Programa de Pós-Graduação em Geografia (mestrado). Email: rahyan.alves@unimontes.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7225-5959>

⁴ Professor Adjunto no Departamento de Geociências no Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), membro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Mestrado - PPGEO da Unimontes. Email: carlos.bortolo@unimontes.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4304-8824>

noturno, com observação participante, uso de diário de bordo e registro iconográfico para análises mais verossímeis e embasadas. Considera-se que, durante as celebrações da Semana Santa é perceptível a apropriação de uma praça de Francisco Sá, a saber, a Praça da Matriz, pela Igreja Matriz de São Gonçalo. Esta praça transforma-se em território devocional, de memória e de resistência cultural. Assim, as celebrações da Semana Santa em Francisco Sá remetem à construção de uma geografia da fé, onde o território não é apenas suporte físico, mas expressão de valores compartilhados e disputas simbólicas.

Palavras-Chave: Catolicismo. Espaço Público. Apropriação. Semana Santa. Francisco Sá.

ABSTRACT

Public spaces are meeting places for the various groups that make up the city. Squares are examples of spaces that present a mix of uses and appropriations (meetings, leisure, political, cultural and religious manifestations). That said, the objective of this work is to understand the appropriation of public spaces in the city of Francisco Sá (Minas Gerais/Brazil), especially squares, as places of religious manifestation, especially Catholicism. To this end, the following methodology was used: bibliographic review, cartographic survey using QGIS 3.26 software and fieldwork with an ethnographic focus. The activities took place on April 13 and 18, 2025 — dates that are part of the celebration of Holy Week — during the day and night, with participant observation, use of a logbook and iconographic recording for more credible and well-founded analyses. It is considered that, during the celebrations of Holy Week, the appropriation of a square in Francisco Sá, namely Praça da Matriz, by the Igreja Matriz de São Gonçalo is noticeable. This square becomes a territory of devotion, memory and cultural resistance. Thus, the celebrations of Holy Week in Francisco Sá refer to the construction of a geography of faith, where the territory is not only a physical support, but an expression of shared values and symbolic disputes.

Keywords: Catholicism. Public Space. Appropriation. Holy Week. Francisco Sá.

RESUMEN

Los espacios públicos son lugares de encuentro de los diferentes grupos que componen la ciudad. Las plazas son ejemplos de espacios que presentan una mezcla de usos y apropiaciones (reuniones, ocio, manifestaciones políticas, culturales y religiosas). Dicho esto, el objetivo de este trabajo es comprender la apropiación de los espacios públicos de la ciudad de Francisco Sá (Minas Gerais/Brasil), especialmente las plazas, como lugares de expresión religiosa, especialmente del catolicismo. Para ello se utilizó la siguiente metodología: revisión bibliográfica, levantamiento cartográfico mediante el software QGIS 3.26 y trabajo de campo con enfoque etnográfico. Las actividades se desarrollaron los días 13 y 18 de abril de 2025 —fechas que se enmarcan en la celebración de la Semana Santa—, en horario diurno y nocturno, con observación participante, uso de bitácora y registro iconográfico para análisis más creíbles y fundamentados. Se considera que, durante las celebraciones de Semana Santa, se destaca la apropiación de una plaza de Francisco Sá, concretamente la Praça da Matriz, por parte de la Igreja Matriz de São Gonçalo. Esta plaza se convierte en territorio de devoción, memoria y resistencia cultural. Así, las celebraciones de Semana Santa en Francisco Sá remiten a la construcción de una geografía de la fe, donde el territorio no es sólo un soporte físico, sino expresión de valores compartidos y disputas simbólicas.

Palabras clave: Catolicismo. Espacio Público. Apropiación. Semana Santa. Francisco Sá.

INTRODUÇÃO

As cidades atuais são construídas a partir da articulação entre elementos sociais, econômicos, políticos e culturais, cujas interações se materializam ao longo do tempo e do espaço. Nesse contexto, as relações sociais deixam marcas na organização e representação espacial dos centros urbanos, evidenciando que a cidade é, em grande medida, reflexo das práticas e das dinâmicas de sua população (Corrêa, 2001). Nesse sentido, Ferrari (1979, p. 208) já afirmava que “a cidade é um fato histórico, geográfico e, acima de tudo, social”.

Os espaços públicos são tidos como espaços de encontros e, caracterizam a paisagem urbana, gerando impactos em sua organização socioespacial. São espaços de uso coletivo, ou seja, podem ser utilizados por todas as pessoas, o que implica a existência de diversas identidades e territorialidades por parte de quem os gerenciam e os utilizam (Bortolo, 2015).

De acordo com Macedo (1986), os espaços livres de edificações – como praças, quintais e pátios – surgem em articulação com os sistemas viários e com exigências legais, como recuos obrigatórios e áreas destinadas ao lazer e bem-estar. Essas áreas assumem funções ambientais, estéticas e sociais na cidade, ao passo que “[...] possibilitam o acontecimento de práticas sociais, momentos de lazer, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária” (Oliveira e Mascaró, 2007, p. 60).

Historicamente, tais espaços já estavam presentes nas cidades greco-romanas, tendo a *Ágora* e o *Fórum* como exemplos paradigmáticos de locais públicos destinados à vida cívica e à deliberação política. Conforme Benévolo (2003), é a partir da *Ágora* que se consolida a função social do espaço público como instância voltada ao interesse coletivo, englobando questões religiosas, jurídicas, comerciais e governamentais.

No presente, entretanto, os espaços urbanos refletem contradições inerentes ao sistema capitalista, manifestando desigualdades de classe, disputas territoriais e exclusão social. A produção do espaço urbano, como enfatiza Lefebvre (2011), é atravessada pelas ações de múltiplos agentes – Estado, mercado, população –, revelando a lógica desigual da apropriação e do acesso à cidade. Nesse cenário, os espaços públicos, além de sua função coletiva essencial, são muitas vezes capturados pelo mercado imobiliário, tornando-se instrumentos de valorização do solo urbano e de diferenciação social.

As praças, consistem-se em um dos mais característicos exemplos de espaços públicos – são unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana e, pontos importantes neste cenário de valorização da cidade. É um local para a prática de lazer passivo e ativo, serve para o encontro e à convivência das pessoas e, viabiliza a realização de atividades econômicas, culturais e cívicas, representando importantes elementos históricos e/ou culturais. Como aponta Marx (1980), a praça pode ser tida como um logradouro público por excelência, que deve sua existência, principalmente, aos adros de nossas igrejas, tendo surgido para reunião de pessoas e atividades diversas, diante de capelas ou igrejas.

Ainda hoje, observa-se que as praças localizadas diante de igrejas permanecem como extensões desses espaços religiosos. Segundo Bortolo (2015), a apropriação religiosa desses espaços pode contribuir para sua conservação, reforçando vínculos afetivos e funcionais com a comunidade local.

É perceptível que as praças apropriadas pelas manifestações religiosas, mesmo que durante determinado período do ano, apresentam-se mais bem conservadas e, conseqüentemente, apropriadas pelas pessoas em outros períodos. O autor ainda denota que as praças apropriadas pela sociedade dispõem de uma menor chance de serem usadas para crimes violentos e consumo de drogas, estando menos propensas a ações de vandalismo.

Isto posto, encontram-se nestes espaços urbanos, conflitos, contradições e desigualdades, mas também a pluralidade de encontros, manifestações culturais/religiosas e símbolos. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo compreender a apropriação dos espaços públicos na cidade de Francisco Sá (Minas Gerais/Brasil), com foco nas praças, enquanto locais de manifestação religiosa, em especial do catolicismo.

Essa abordagem é de grande importância para a ciência geográfica, pois contribui para a análise crítica da produção do espaço urbano enquanto processo socialmente construído. Ao investigar como os espaços públicos – especialmente as praças – são apropriados por práticas religiosas, a pesquisa evidencia os usos simbólicos e sociais do território, os conflitos de interesse sobre o espaço e as formas de pertencimento local. Assim, contribui para aprofundar a compreensão sobre o espaço vivido e sobre a relação entre urbanização, religiosidade e identidade, aspectos centrais para a Geografia na contemporaneidade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possui natureza exploratória e abordagem qualitativa, uma vez que se propõe aprofundar o conhecimento acerca da apropriação dos espaços públicos urbanos pela Igreja Católica. Segundo Gil (2008), esse tipo de investigação é adequado quando se busca familiaridade com o tema e maior compreensão do fenômeno estudado. Durante o desenvolvimento do estudo, observou-se a ausência de trabalhos específicos sobre a temática no contexto de Francisco Sá, o que confere ineditismo à pesquisa e potencial para fomentar reflexões sobre a preservação, o uso sustentável e a valorização dos espaços públicos.

A metodologia adotada incluiu, inicialmente, a revisão bibliográfica fundamentada em autores como Ferrari (1979), Marx (1980), Corrêa (2001), Bortolo (2015), Rosendahl (2018), Rocha *et al.* (2023), Alves (2024), entre outros. A seleção do material foi realizada por meio da leitura de livros e artigos científicos disponíveis em bibliotecas virtuais, a partir dos descritores: espaços públicos, praças, apropriação, religião, Igreja Católica, manifestações culturais e religiosas, Semana Santa, etc.

Complementarmente, realizou-se o levantamento cartográfico com o uso do *software* QGIS 3.26, além da realização de trabalhos de campo com enfoque etnográfico. As atividades ocorreram nos dias 13 e 18 de abril de 2025 — datas que integram a celebração da Semana Santa — em períodos diurno e noturno. A escolha dessas datas justifica-se por corresponderem ao período em que a Igreja Matriz de São Gonçalo, principal templo católico da cidade, realiza práticas religiosas na Praça da Matriz, único espaço público utilizado com tal finalidade em Francisco Sá.

A abordagem etnográfica mostrou-se adequada para compreender as relações simbólicas estabelecidas entre os sujeitos e o espaço urbano. Conforme argumentam Ezpeleta e Rockwell (1986), a etnografia contribui para interpretar os significados atribuídos pelos indivíduos às práticas culturais e religiosas, permitindo análises mais profundas sobre o modo como os espaços são apropriados social e simbolicamente. A observação participante foi a técnica adotada no trabalho de campo, tendo como objetivo captar aspectos da realidade que não são evidenciados por meio de métodos estruturados. Para Minayo (2001), essa técnica permite o contato direto com o cotidiano dos sujeitos, o que favorece uma apreensão mais abrangente dos fenômenos investigados.

A esse respeito, Geertz (1998, p. 23) afirma: “Situar-nos, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal”. Tal perspectiva reforça a necessidade de inserção do pesquisador no universo simbólico dos sujeitos, neste caso, nas atividades religiosas realizadas nos espaços públicos da cidade.

Durante o trabalho de campo, foram utilizados recursos como máquina fotográfica, para o registro iconográfico, e diário de bordo, destinado ao relato das observações e à descrição das práticas de apropriação religiosa da praça. De acordo com Hammouti (2002), o diário de bordo constitui uma ferramenta relevante na sistematização de vivências e reflexões do pesquisador, contribuindo para a construção de análises mais verossímeis e embasadas.

Os dados obtidos foram sistematizados com base na observação participante e organizados em categorias temáticas, como: apropriação simbólica do espaço público, práticas religiosas coletivas e relações entre espaço e sacralidade. Para garantir maior consistência analítica, adotou-se a triangulação entre os registros etnográficos, os registros iconográficos e o embasamento teórico, fortalecendo a validade das interpretações.

A pesquisa foi estruturada em cinco etapas: (1) revisão bibliográfica sobre os temas centrais da investigação; (2) contextualização socioeconômica do município de Francisco Sá e mapeamento das igrejas católicas presentes em seu espaço urbano; (3) realização do trabalho de campo; (4)

sistematização e análise dos dados coletados; e (5) elaboração das considerações finais. A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão da pesquisa.

ESPAÇOS PÚBLICOS E RELIGIÃO

As áreas verdes desempenham um papel essencial na estruturação das cidades, não apenas como espaços de lazer, mas também como componentes fundamentais para a qualidade ambiental e o bem-estar social. Segundo Llardent (1982, p. 151), as áreas verdes referem-se a "qualquer tipo de espaço livre no qual predominam as áreas plantadas de vegetação", abrangendo, em sua maioria, parques, jardins e praças.

Rocha *et al.* (2023), por sua vez, ampliam essa definição ao considerar as áreas verdes como locais singulares onde se desenvolvem práticas sociais cotidianas, sendo notáveis pela presença e concentração de vegetação arbórea no espaço urbano. Dessa forma, tais espaços não apenas favorecem o convívio e o lazer, mas também desempenham um papel crucial na dinâmica urbana, influenciando a organização e a vivência coletiva nas cidades.

Nesse contexto, destaca-se o papel das praças públicas, enquanto tipologias específicas de áreas verdes urbanas, que se configuram como espaços privilegiados de encontro, sociabilidade e manifestação cultural. Para além de suas funções recreativas, as praças também se constituem como cenários de práticas simbólicas e religiosas, especialmente em cidades de pequeno porte, onde a vida social e religiosa tende a se entrelaçar de forma mais intensa.

Os espaços urbanos, enquanto elementos estruturais fundamentais na organização das cidades, não se limitam a atuar como áreas de convivência e circulação. Eles se configuram, igualmente, como locais de manifestação cultural, refletindo a dinâmica socioeconômica e as práticas religiosas de uma sociedade. Nesse contexto, a religião se insere como um elemento de significativa importância na configuração e uso desses espaços.

Cosgrove (1998), ao discutir a paisagem, salienta que a forma como ela é percebida e apropriada é profundamente influenciada pelas interações sociais e culturais. A paisagem, no caso urbano, não é uma mera configuração física, mas um espaço carregado de simbolismos e significados, muitos dos quais estão associados à religião e à fé. Essa perspectiva permite compreender a paisagem como um campo de negociações simbólicas, onde a presença da Igreja e de suas manifestações religiosas torna-se um fator de ressignificação do espaço.

A relação entre Geografia e religião é essencial para a compreensão das dinâmicas espaciais urbanas, uma vez que ambas se constituem como práticas sociais que se manifestam no

espaço. Enquanto a Geografia se dedica à análise das configurações espaciais, a religião, por sua vez, ocorre espacialmente como um fenômeno cultural, inserindo-se nas múltiplas dimensões da vida cotidiana. Nesse contexto, a fé e a religiosidade contribuem diretamente para a construção de significados simbólicos, sociais e culturais nos espaços urbanos, influenciando sua organização e apropriação por diferentes grupos sociais, conforme argumenta Rosendahl (1995).

A Igreja Católica, ao longo da história, tem desempenhado um papel significativo na apropriação de espaços públicos, especialmente das praças, que se consolidam como pontos de encontro e interação social. Tais espaços não são apenas locais físicos, mas territórios carregados de simbolismos, afetos e práticas cotidianas.

Rocha *et al.* (2023, p. 300) afirmam que “a criação desses espaços em locais públicos pode representar ao indivíduo o vínculo com o lugar (apropria-se e sente-se parte dele), cria uma identidade”. Essa construção identitária é, segundo Yi-Fu Tuan (1983), fundamental para a Geografia, pois o lugar é uma categoria central da análise geográfica, caracterizada por percepção, experiência e valores. Como afirma Souza (2013), trata-se de um espaço vivido e dotado de significados.

De acordo com Mendonça (2007), a apropriação desses espaços pode evidenciar não apenas a criatividade no uso das infraestruturas públicas, mas também a capacidade de potencializar e otimizar o aproveitamento desses ambientes. Além disso, essa interação contribui para a elaboração de projetos urbanos futuros, fornecendo subsídios que orientam a construção e a reorganização de espaços públicos com vistas a atender às necessidades sociais e culturais das populações.

A paisagem urbana — composta por igrejas, imagens sacras e elementos arquitetônicos — é constantemente ressignificada pelos diferentes agentes sociais. Camurça e Giovannini Jr. (2003) observam que os usos e sentidos atribuídos a esses espaços podem se sobrepor, conflitar ou articular-se de forma negociada, revelando a complexidade das espacialidades urbanas.

Nessa perspectiva, é fundamental expandir a discussão teórica incorporando autores como Lefebvre (2011), para quem o espaço é uma produção social, e não uma simples condição geográfica ou física. O espaço urbano resulta da interação entre as práticas sociais, as representações simbólicas e os usos cotidianos (Lefebvre, 2011). Nesse sentido, a religião emerge como um elemento estruturante dessa produção, ao ocupar, modelar e significar os territórios.

Certeau (1994), ao analisar as práticas cotidianas no espaço urbano, destaca que os sujeitos produzem significados a partir do uso, da circulação e da apropriação dos lugares. Assim, as manifestações religiosas nas praças — como missas, procissões ou festas populares — constituem práticas táticas que reconfiguram e (re)territorializam o espaço público, conferindo-lhe novos sentidos.

Harvey (1992), por sua vez, aponta que as contradições do espaço urbano sob o capitalismo geram disputas e fragmentações, mas também abrem brechas para formas alternativas de identidades, vivências e expressões, como aquelas promovidas pelas religiões nos espaços coletivos. Como denota Velho (2003), a trajetória de um sujeito, sobretudo nas sociedades contemporâneas, aciona a identidade como um campo de possibilidades, e não como marcador social fixo.

No campo da teoria crítica, Habermas (2012) traz uma importante contribuição ao discutir as esferas públicas e a racionalidade comunicativa. Ele aponta que o espaço público pode ser compreendido como um campo de formação de opinião, onde atores sociais dialogam e constroem significados compartilhados. A presença da religião nesses espaços, portanto, também pode ser interpretada como uma forma de atuação pública e simbólica, onde valores coletivos e tradições ganham visibilidade e legitimidade.

Carlos (2001) contribui para esse debate ao afirmar que o espaço urbano deve ser compreendido em suas múltiplas dimensões — não apenas físicas, mas simbólicas, afetivas, culturais e políticas. A sacralização de espaços públicos, especialmente praças, revela como o urbano é permeado por significados que extrapolam o funcionalismo técnico, sendo construído a partir de disputas, afetos e usos simbólicos.

A compreensão do espaço urbano está diretamente vinculada às concepções sociais e culturais de cada sociedade, sendo, portanto, reflexo de suas práticas cotidianas, valores e modos de vida (Santos, 2008). Isso reforça como os espaços públicos ganham centralidade enquanto territórios de encontro, convivência e manifestação cultural.

A cultura, nesse contexto, aparece como categoria analítica relevante. Para Rocha *et al.* (2022, p. 46), “o conceito de cultura é aplicado em diversas áreas do conhecimento e sua definição é polissêmica”. Já Claval (2007) entende a cultura como uma mediação entre o ser humano e a natureza, expressa em artefatos e saberes que revelam semelhanças e diferenças sociais.

Thompson (2009) complementa essa visão ao afirmar que a cultura de um grupo é composta por suas crenças, costumes, ideias, valores e objetos materiais — todos produzidos e compartilhados coletivamente. Assim, a cultura se constitui como um processo dinâmico, não cristalizado, em constante reelaboração.

A cidade, como enfatiza Cavalcanti (2001), não é apenas um aglomerado físico ou um arranjo econômico, mas expressão de modos de vida diversos, entrelaçando aspectos culturais, simbólicos, religiosos, ambientais e afetivos. A espacialidade urbana se configura, portanto, como um

campo dinâmico e plural, onde diferentes atores produzem significados em constante disputa e resignificação.

Na mesma linha, Alves (2024) destaca que o ser humano projeta sentimentos de pertencimento por meio da apropriação simbólica e emocional dos espaços urbanos, transformando-os em registros de memória coletiva. Nesse sentido, os espaços públicos tornam-se palcos de expressão de vínculos afetivos, religiosos e culturais.

A relevância desses espaços na contemporaneidade transcende suas funções utilitárias. Bortolo (2013, p. 52) destaca que:

Considerado em diferentes dimensões e em diversos centros urbanos, o espaço público além de proporcionar lazer, na maioria das vezes, busca garantir a inclusão dos seus diferentes usuários a partir de suas inúmeras funções desempenhadas e seus distintos papéis no espaço da cidade. Tais espaços possuem grande importância no contexto das cidades na sociedade contemporânea, sendo estes, espaços de integração, como também, nos apresenta diferentes manifestações no decorrer de sua produção e seus usos. Eles possuem função social (à medida que proporcionam encontro e lazer e promovem a socialização dos indivíduos), função organizacional (organizam a infraestrutura da cidade e configuram o desenho urbano), função ecológica (estruturam áreas de proteção ao ambiente) e função cultural (já que fortalecem a identidade local).

Caldeira (2007) também reconhece o papel estruturante das praças na cidade, considerando-as como contrapontos aos espaços edificados, e como áreas de convivência que refletem e produzem identidades sociais. Dessa maneira, compreende-se que as praças, enquanto espaços públicos, são apropriadas por diversos segmentos sociais e representam, simultaneamente, áreas de convivência, identidade e expressão simbólica.

As manifestações religiosas, assumem um papel relevante na resignificação desses espaços. A utilização das praças pela Igreja Católica, por exemplo, evidencia a função cultural e simbólica desses territórios urbanos, reforçando vínculos comunitários e reatualizando práticas tradicionais no cotidiano da cidade.

A relação entre religião e espaço urbano, portanto, ultrapassa a dimensão funcional e se inscreve em um campo de disputas simbólicas, políticas e afetivas. A Igreja Católica, ao utilizar praças e espaços abertos para suas práticas, reafirma seu papel social e fortalece laços comunitários em meio à urbanização acelerada. Conforme Loboda (2009), os espaços livres nas cidades promovem encontros e diversidade de práticas sociais, tornando-se lócus privilegiado da expressão religiosa e da construção de uma espacialidade socialmente significativa.

Posto isto, serão abordados aspectos socioeconômicos e religiosos do município de Francisco Sá, área empírica deste estudo.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Na caracterização do município de Francisco Sá, o seu processo de surgimento ocorreu por meio da instalação de fazendas de criação de bovinos na bacia hidrográfica do Rio Verde Grande pelo Capitão Antônio Gonçalves Figueiras, em 1704. A partir desta data, iniciou e expandiu o processo de ocupação territorial. Em 1867, foi criado o distrito de São Gonçalo do Brejo das Almas, vinculado ao município de Montes Claros (IBGE, 2025).

No processo de emancipação político-administrativa, em 1923, foi criado o município de Brejo das Almas pela Lei Estadual nº 843/1923, com a sua base territorial formada do desmembramento de Montes Claros e Grão Mogol. Em 1938, o Decreto-Lei Estadual nº 148 regulamentou a mudança de nome do município de Brejo das Almas para Francisco Sá, em homenagem ao ex-Ministro de Estado, do Ministério da Viação e Obras Públicas. Em 1948 e 1962, dois distritos de Francisco Sá foram emancipados, resultando na criação dos municípios de Janaúba e Capitão Enéas, respectivamente (IBGE, 2025).

Este município localiza-se na Região Geográfica Imediata de Montes Claros, ocupa uma área da unidade territorial de 2.747,295 km², com uma população de 23.476 habitantes. Desses habitantes, 15.572 residem em área urbana, correspondente a 66,33%, e 7.904 (33,67%) residem em área rural, cuja densidade demográfica é de 8,55 hab/km², conforme o censo de 2022.

Francisco Sá possui como municípios limítrofes: Grão Mogol, Riacho dos Machados, Juramento, Montes Claros, Capitão Enéas e Janaúba (Figura 1).

Figura 1: Localização do município de Francisco Sá (MG).



Fonte: IBGE, 2022. Org.: Autores, 2022.

Dos 23.476 habitantes de Francisco Sá, a maioria engloba a faixa etária de 35 a 39 anos, sendo 1.821 pessoas, equivalente a 8,0%. Quanto ao sexo, há 12.061 (51,4%) indivíduos do sexo masculino e 11.425 (48,6%) indivíduos do sexo feminino. De 0 a 64 anos, a quantidade de homens sobressai a de mulheres, com exceção apenas da faixa etária de 5 a 9 anos, em que há 731 mulheres, correspondendo a 6,4%, e 698 (5,8%) homens. Já, de 65 a 100 anos ou mais, a quantidade de mulheres é maior do que a de homens (IBGE, 2022) (Tabela 1).

Esses dados demográficos permitem algumas reflexões acerca da dinâmica das práticas religiosas no município. A predominância de uma população adulta, especialmente entre 35 e 39 anos, pode indicar a presença de sujeitos socialmente ativos, que tendem a participar da organização e manutenção das manifestações religiosas tradicionais, como as celebrações da Semana Santa. Além disso, a maior presença feminina nas faixas etárias mais avançadas pode estar associada à continuidade de práticas religiosas, uma vez que, historicamente, as mulheres desempenham papel central na preservação e transmissão de tradições religiosas no contexto local.

Nesse sentido, a estrutura etária e de gênero da população contribui para a manutenção das práticas do catolicismo no espaço público, reforçando a importância dessas manifestações como elementos de coesão social e identidade coletiva em Francisco Sá.

Tabela 1: População residente em Francisco Sá por idade e sexo, 2022.

Idade	Sexo	
	Homens	Mulheres
0 a 4 anos	683	650
5 a 9 anos	698	731
10 a 14 anos	864	794
15 a 19 anos	880	843
20 a 24 anos	916	765
25 a 29 anos	877	784
30 a 34 anos	865	787
35 a 39 anos	973	848
40 a 44 anos	936	864
45 a 49 anos	869	736
50 a 54 anos	807	743
55 a 59 anos	766	669
60 a 64 anos	608	597
65 a 69 anos	456	471
70 a 74 anos	367	430
75 a 79 anos	245	324
80 a 84 anos	139	196
85 a 89 anos	77	112
90 a 94 anos	28	49
95 a 99 anos	5	15
100 anos ou mais	2	7
Total	12.061	11.415

Fonte: IBGE, 2022. Org.: Autores, 2025.

A maioria dos habitantes de Francisco Sá se autodeclaram de cor/raça parda, com 15.674 pessoas (66,8%). Seguido, respectivamente, da cor/raça branca, 5.202 indivíduos (22,1%); preta, 2.554 (10,9%); amarela, 34 pessoas (0,14%); e indígena, 12 pessoas (0,06%) (IBGE, 2022) (Tabela 2).

Tabela 2: Distribuição da população quanto a cor/raça, 2022.

Cor/raça	Pessoas (Quantidade)
Branca	5.202
Preta	2.554
Amarela	34
Parda	15.674
Indígena	12
Total	23.476

Fonte: IBGE, 2022. Org.: Autores, 2025.

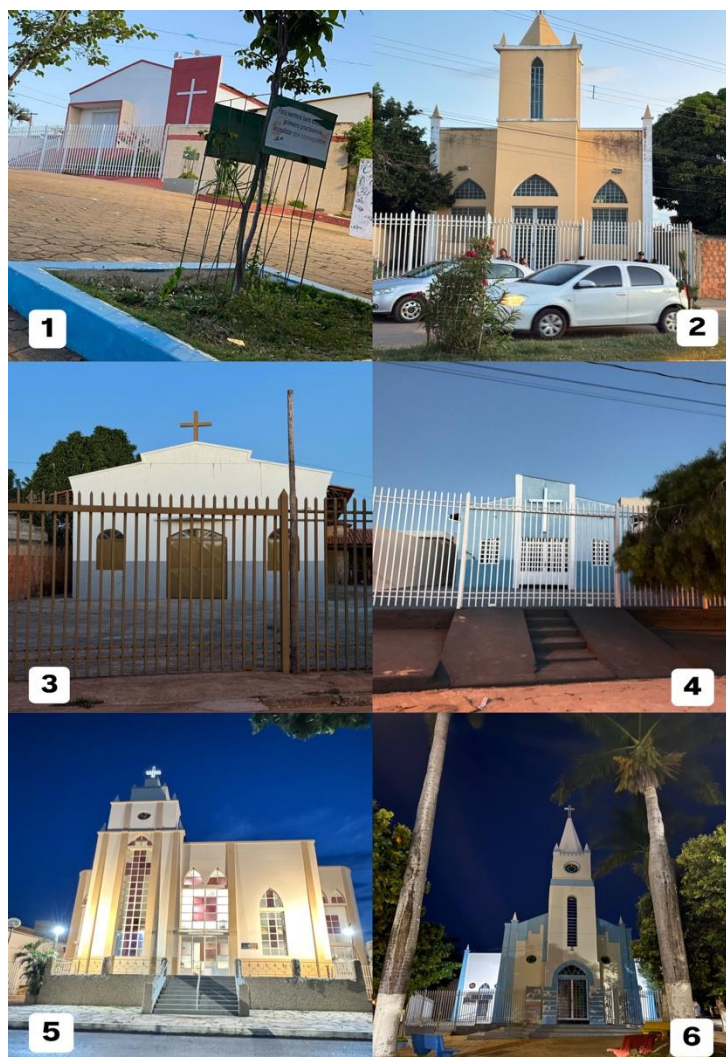
O Produto Interno Bruto (PIB) do município é de R\$ 276.204,32 x 1.000 a preços correntes, sendo representado na proporção de 87% serviços, 8% agropecuária e 5% indústria (IBGE, 2025). Ademais, a cidade de Francisco Sá localiza-se a 453,168 km da capital estadual, Belo Horizonte e a 48,912 km do centro regional, Montes Claros.

Relacionado aos aspectos físicos, Montes Claros é formado pelas seguintes unidades de relevo: depressão do Alto-Médio São Francisco e Serras do Espinhaço Meridional. Possui clima Tropical

Brasil Central semiúmido, com quatro a cinco meses secos subquente, tendo por média 15°C e 18°C em ao menos um mês. E, relacionado ao aspecto ambiental, abarca os biomas Cerrado e Caatinga (IBGE, 2025). Ressaltando ainda que faz parte da região hidrográfica do São Francisco (Agência Nacional de Águas - ANA, 2015).

No espaço urbano de Francisco Sá, encontram-se distribuídas seis igrejas católicas, cada uma inserida em diferentes bairros da cidade. São elas: 1) Igreja São Sebastião, localizada no bairro Alfredo Dias; 2) Igreja São João Batista, no bairro João Gonçalves; 3) Igreja Divino Espírito Santo, no bairro José Maria Alkimim; 4) Igreja de Santa Terezinha e Nossa Senhora de Lourdes, no bairro Santa Maria; 5) Matriz de São Gonçalo, no bairro Centro e, 6) Igreja Nossa Senhora do Rosário, também localizada na região central da cidade. Conforme disposto na Figura 2.

Figura 2: Igrejas Católicas localizadas no espaço urbano de Francisco Sá, 2025.



Fonte: Autores, 2025.

A compreensão do papel das igrejas no espaço urbano de Francisco Sá demanda uma abordagem que vá além da análise empírica, buscando interpretar os significados simbólicos, sociais e culturais da apropriação da fé a partir da leitura da paisagem e da vivência dos sujeitos. Como destaca Carlos (1996), o espaço urbano não é apenas um cenário físico, mas um lugar de produção de sentidos, onde as práticas sociais e simbólicas moldam a paisagem e são, ao mesmo tempo, por ela moldadas. Assim, a presença das igrejas e sua articulação com o espaço público deve ser compreendida como expressão material e simbólica de identidades coletivas e hegemonias religiosas.

Posto isto, é necessário refletir sobre como as práticas religiosas promovem a construção de pertencimentos e identidades religiosas, contribuindo para a organização e transformação do espaço urbano. Lefebvre (2011) já alertava para o fato de que o espaço é um produto social e, nesse processo, a religiosidade é uma das dimensões fundamentais da produção simbólica do lugar. As igrejas, enquanto marcos territoriais e culturais, tornam-se centros de irradiação de valores, rituais e formas de sociabilidade que ressignificam a paisagem urbana e a experiência coletiva.

A Igreja Matriz de São Gonçalo, por exemplo, foi a primeira a ser criada na cidade de Francisco Sá, situada na área central, e consolidou-se como o principal símbolo religioso do município. Com o crescimento e desenvolvimento urbano de Francisco Sá, novas igrejas foram construídas em bairros mais periféricos, atendendo à demanda religiosa das populações afastadas do centro.

Ainda assim, é perceptível a centralidade simbólica da Igreja Matriz de São Gonçalo: nela ocorrem os principais eventos católicos, como as celebrações da Semana Santa, que congregam fiéis de toda a cidade, inclusive os que frequentam regularmente outras igrejas. Posto isto, a Matriz torna-se, em momentos-chave do calendário religioso, o epicentro da fé católica no município.

Vale destacar que, entre as igrejas urbanas observadas, apenas três possuem praças em frente: a Igreja Matriz de São Gonçalo, a Igreja São Sebastião e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Entretanto, somente a Igreja Matriz de São Gonçalo se apropria de forma contínua e estratégica desse espaço público para a realização de suas atividades religiosas. Tal apropriação do espaço urbano pela fé não é neutra: ela reafirma uma hegemonia religiosa, organiza o cotidiano urbano e fortalece os laços de pertencimento comunitário. A praça, nesse caso, deixa de ser apenas um equipamento urbano e passa a ser um lugar de celebração, encontro e visibilidade da fé católica.

Essa dinâmica também pode ser interpretada como um processo de resistência cultural e reafirmação de identidades diante das transformações urbanas contemporâneas. Conforme afirma Spósito (2003), o espaço é um campo de disputas simbólicas e materiais, onde diferentes grupos sociais lutam por reconhecimento, visibilidade e controle territorial. A presença marcante da Igreja Matriz de São

Gonçalo e sua centralidade nos ritos religiosos refletem a permanência de uma hegemonia católica, construída historicamente e reafirmada cotidianamente por meio das práticas espaciais e simbólicas dos fiéis.

Dessa forma, o estudo das igrejas urbanas de Francisco Sá, especialmente da Igreja Matriz de São Gonçalo, permite compreender como a fé é territorializada e como ela participa da produção do espaço urbano, não apenas em termos físicos, mas também simbólicos. A seguir, serão apresentados os dados empíricos coletados nas visitas de campo, os quais ilustram e reforçam essas dimensões teóricas discutidas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para além da mera descrição empírica das manifestações religiosas nos espaços públicos, é necessário interpretar os significados simbólicos, sociais e culturais que permeiam a apropriação da fé na paisagem urbana e nas práticas dos sujeitos. A leitura da paisagem religiosa não pode ser compreendida de forma neutra ou desprovida de historicidade: ela carrega marcas de pertencimento, resistência cultural, reafirmação de hegemonias religiosas e construção de identidades coletivas.

A territorialização da fé, sobretudo nas celebrações da Semana Santa, como observado em Francisco Sá, é expressão de uma prática coletiva que reinscreve o sagrado no espaço urbano, convertendo praças, ruas e outros espaços cotidianos em lugares de culto, memória e representação. Tais práticas reforçam laços comunitários e funcionam como dispositivos de manutenção de identidades religiosas historicamente consolidadas.

Nesse sentido, o espaço público torna-se palco de um imaginário compartilhado que articula fé, tradição e cultura, em consonância com o que aponta Rosendahl (2018), ao afirmar que o espaço sagrado é resultado da vivência coletiva e da experiência espiritual, estruturado pelas simbologias e valores de determinado grupo.

No município de Francisco Sá, essa apropriação dos espaços públicos manifesta-se de forma expressiva durante a Semana Santa — considerada uma das mais significativas expressões da religiosidade popular brasileira (Beckhäuser, 1985). Nos dias 13 e 18 de abril de 2025, foi possível observar a apropriação da Praça da Matriz como um espaço litúrgico e simbólico pela Igreja Católica. A celebração do Domingo de Ramos e a encenação da Paixão de Cristo evidenciam não apenas práticas devocionais, mas atos de afirmação coletiva da identidade católica local.

A Semana Santa é o período litúrgico em que os cristãos recordam a Paixão e a Morte de Jesus Cristo - é a mais importante celebração cristã, principalmente no catolicismo. Segundo o calendário

de celebrações litúrgicas, esta inicia-se no Domingo de Ramos, também conhecido como Domingo da Paixão do Senhor e, finaliza no Domingo de Páscoa, celebrada todos os anos em datas diferentes entre os meses de março e abril. Sendo que, em 2025, ocorreu entre os dias 13 e 20 de abril, em diversos municípios do Brasil.

No município de Francisco Sá, no dia 13 de abril realizou-se na Praça da Matriz, localizada em frente a Igreja Matriz de São Gonçalo, a Celebração Eucarística/Santa Missa de Domingo de Ramos. A Praça da Matriz, no dia a dia, é um local marcado pela arborização e pela circulação de pessoas, devido à presença de comércios, bancos, lotéricas, restaurantes, padarias, dentre outros, em suas proximidades.

O Domingo de Ramos celebra a chegada de Jesus em Jerusalém (local onde Ele entregaria a vida por amor a nós, seres humanos), montado em um jumento e, marca o início da Semana Santa – incentivando a reflexão, a fé, a humildade e a aclamação dos cristãos.

A Praça da Matriz tornou-se uma expansão da Igreja, o altar montado na parte superior da praça e as cadeiras dispostas ao centro não apenas acomodaram os fiéis, mas instituíram um território do sagrado, revelando o papel ativo da comunidade na ressignificação do espaço urbano (Figura 3).

Figura 3: Organização da Santa Missa de Domingo de Ramos na Praça da Matriz, 2025.



Fonte: Autores, 2025.

Neste dia, os fiéis realizam uma procissão onde carregam ramos nas mãos, levados de suas próprias residências, simbolizando a acolhida a Jesus, é uma prática herdada do catolicismo ibérico (Figura 4), e remete à tradição do simbolismo vegetal como expressão da fé (Rosendahl, 2018).

Estes ramos são, após a celebração litúrgica, levados para casa de cada um dos ali presentes, representando um sinal de paz e fé. Geralmente, os ramos são depositados em lugares especiais nas casas dos fiéis, pois espelham a presença de Deus. As práticas devocionais como as procissões, são características do catolicismo português (herdado pelos brasileiros), que aproximam e colocam em constante interação os espaços sagrados e profanos (Rosendahl, 2018).

Figura 4: Procissão de Ramos realizada na Praça da Matriz, 2025.



Fonte: Autores, 2025.

Segundo Rosendahl (2018, p. 80), "O espaço sagrado é como um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência". Os elementos do Sagrado são constituintes da sua realidade, como cavernas, templos, florestas, espaços públicos, etc. que se tornam lugar sagrado.

Para Rosendahl (2018, p. 213):

O conceito de lugar sagrado identifica-se com o significado cultural do indivíduo ou grupo social religioso. Cada comunidade religiosa vivencia o lugar a sua maneira, de forma a construir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças. As diferentes análises geográficas sobre o lugar religioso enfatizam a vivência e a identidade religiosa.

Quanto ao espaço profano, ele é aquele “[...] espaço ao ‘redor’ do espaço sagrado [...] numa realidade diferenciada da realidade sagrada” (Rosendahl, 2018, p. 81). Portanto, está relacionado ao espaço sagrado com as atividades comerciais, econômicas e de lazer. Tais atividades podem sofrer graus de vinculação ao sagrado, podem ser um espaço profano diretamente vinculado ou espaço profano indiretamente vinculado. Em Francisco Sá, o espaço sagrado e o espaço profano também podem ser observados, como a Igreja (espaço sagrado) e a Praça (espaço profano).

Na Sexta-feira Santa ou Sexta-feira da Paixão (porque com origem do latim, paixão tem o significado de sofrimento), os católicos celebram a Paixão e a Morte de Jesus, pois representa o dia que Jesus teria sido crucificado. Esta data simboliza o silêncio, o jejum, o respeito e, principalmente, a oração. É preciso meditar e contemplar o amor de Deus, que nos “[...] deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

A Sexta-feira Santa corresponde a um feriado nacional, conforme a Lei nº 9.093, de 12 de setembro de 1995. A data é móvel e está inserida na Semana Santa, sendo que em 2025, correspondeu ao dia 18 de abril. A mesma faz parte do tríduo pascal (formado pela Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Sábado de Aleluia) – últimas celebrações da Semana Santa – que inicia na quinta-feira santa à noite e finda no Domingo de Páscoa, quando se comemora a ressurreição de Jesus. A Igreja Católica aconselha que neste dia os fiéis façam penitência, a mais comum é o jejum e a abstinência de carne. Também é de costume cobrir as imagens de todos os santos, já que o foco de adoração deve ser Deus.

No dia supracitado é comum acontecer em diversos locais do Brasil os espetáculos/encenações/teatros da Paixão de Cristo, os quais buscam representar de forma cênica, o calvário de Jesus. De acordo com Melo (2009, p. 78), as paixões de Cristo são “[...] formas de teatro originadas na idade média e que foram trazidas ao Brasil, pelos monges jesuítas, como formas de catequização. Sua natureza tradicional reside não somente neste fato, mas, também, na articulação entre o litúrgico e o dramático”.

Em Francisco Sá, na encenação da Paixão de Cristo (Figura 5), a Praça da Matriz foi novamente palco de uma significativa manifestação. Esse evento dialoga com a tradição teatral trazida pelos jesuítas durante a colonização e revela como o litúrgico se funde ao dramático como meio de catequese e reafirmação da fé (Melo, 2009). Ao trazer os fiéis para o centro da cidade em um rito público, a encenação promove a ocupação simbólica do espaço urbano, transformando-o em território devocional, de memória e de resistência cultural. Os participantes desta fazem parte do Grupo de Jovens da Matriz de São Gonçalo. Os jovens participantes começam os ensaios com um mês de antecedência, realizando-os de duas a três vezes por semana.

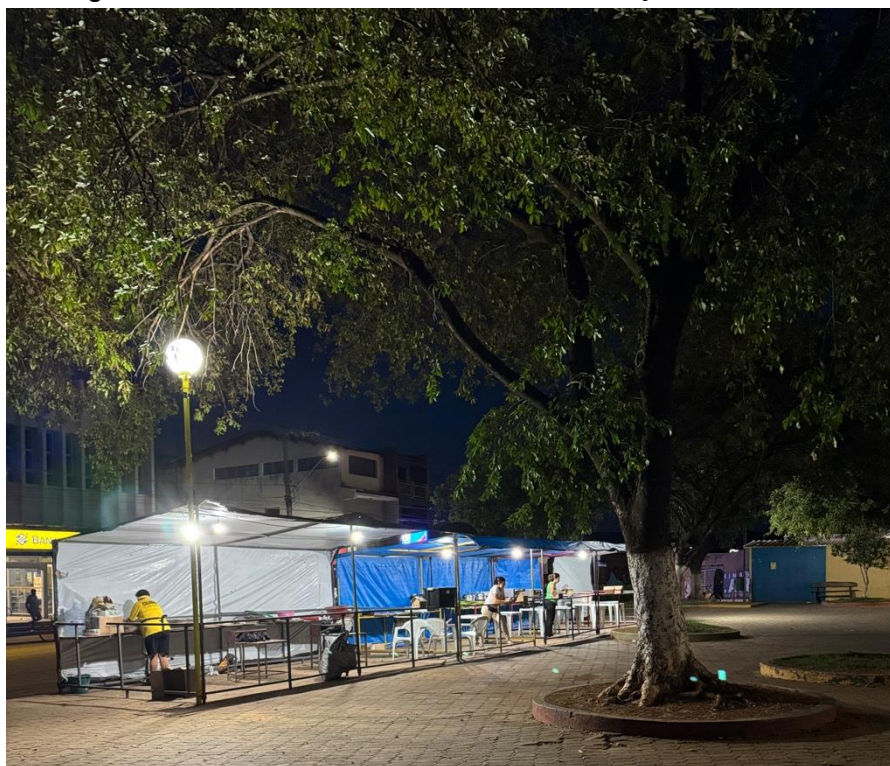
Figura 5: Encenação da Paixão de Cristo na Praça da Matriz, 2025.



Fonte: Autores, 2025.

Ademais, este espetáculo reúne católicos de todo o município, contribuindo para a economia da Igreja, uma vez que barracas de comidas (arroz, pastel frito, beiju, caldo de mandioca) são instaladas na praça, sob direção de fiéis que se voluntariam para trabalhar em prol da Igreja. Sendo todo o lucro destinado às despesas da Matriz de São Gonçalo (Figura 6).

Figura 6: Barracas de comidas instaladas na Praça da Matriz, 2025.



Fonte: Autores, 2025,

As celebrações da Semana Santa em Francisco Sá remetem à construção de uma geografia da fé, onde o território não é apenas suporte físico, mas expressão de valores compartilhados e disputas simbólicas. Conforme argumenta Sobarzo (2006), ao deslocar o foco da dominação para a apropriação, o cotidiano evidencia o papel dos espaços públicos na construção de vínculos afetivos e de pertencimento.

A lógica observada em Francisco Sá encontra eco em outras cidades, como Salvador (BA), onde a Festa do Bonfim ressignifica o espaço urbano por meio de elementos do catolicismo popular e do sincretismo religioso afro-brasileiro; ou ainda em cidades históricas como Diamantina (MG), onde as celebrações da Semana Santa são fortemente marcadas pela estética barroca e pela tradição litúrgica, transformando ruas e becos em lugares de peregrinação e contemplação. Em contextos internacionais, festividades como a Semana Santa de Sevilha (Espanha) ou de Antigua (Guatemala) igualmente ilustram como a fé se manifesta espacialmente, tensionando as fronteiras entre o público e o religioso, o cotidiano e o extraordinário.

A ocupação dos espaços públicos por meio da fé representa, portanto, uma forma de resistência simbólica frente à secularização e à mercantilização dos centros urbanos. É nesse movimento que se atualiza a ideia de pertencimento, identidade e memória coletiva. A paisagem urbana, atravessada

por símbolos religiosos, torna-se expressão viva de uma cultura em movimento, onde o espaço é permanentemente (re)construído pelas práticas sociais.

Para Rosendahl (2018), as paróquias urbanas são responsáveis pela criação de novas devoções e novos espaços sagrados. Ao levarem o culto, as celebrações para as praças fazem destas, mesmo que temporariamente, locais sagrados. De acordo com esta mesma autora, “ao privilegiar a localização geográfica dos espaços religiosos, foi possível reconhecer três níveis: (a) fixo, (b) não fixo ou móvel e (c) o imaginalis” (Rosendahl, 2018, p. 255). O fixo refere-se aos templos ou lugares sagrados; o não fixo ou móvel aos livros ou objetos sagrados e, o imaginalis encontra-se relacionado a ordem fenomenológica (fatores que identificam as essências espirituais dos lugares).

O espaço sagrado é fruto da experiência do ser humano com o sagrado, “na realidade, o ritual pelo qual o homem sacraliza o espaço é eficiente à medida que ele reproduz as obras dos deuses. As estruturas simbólicas resultantes são definidas e caracterizadas pela cultura do grupo envolvido” (Rosendahl, 2018, p. 80).

Nesse sentido, apresentamos, a seguir, as considerações finais do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou compreender a apropriação dos espaços públicos da cidade de Francisco Sá (Minas Gerais/Brasil), especialmente das praças, pela Igreja Católica. Isto, por meio do estudo bibliográfico e da observação participante viabilizada pelos trabalhos de campo realizados na Semana Santa, nos dias 13 e 18 de abril de 2025.

Esta pesquisa elucidou que a apropriação das praças, principalmente da Praça da Matriz, pela Igreja Católica, vai além da realização de práticas religiosas, como a Missa de Domingo de Ramos e a encenação da Paixão de Cristo; reflete também a interação entre Religião e Cidade, configurando as praças como pontos centrais na construção de uma identidade urbana. A ocupação das mesmas, contribui para o fortalecimento do tecido social e para a preservação das tradições locais, ao mesmo tempo em que torna visível a importância da Igreja no processo de articulação da vida comunitária.

Assim, com as discussões e reflexões desenvolvidas neste estudo, espera-se que os resultados possam inspirar os gestores de Francisco Sá, que, percebendo a relevância dos espaços públicos, em especial, das praças, como espaços simbólicos de interação, de convívio da população francisco-saense e como elo entre esta e a Igreja, assumam o papel de revitalizá-las e mantê-las em boas condições de uso. E, que a Igreja passe a utilizar a Praça da Matriz e as demais praças com mais frequência, tendo em vista o elo afetivo que cria com seus fiéis.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. de C. Geografia Humanística: reflexões sobre a categoria lugar. **Brazilian Geographical Journal**, Ituiutaba, v. 15, n. 2, p. 75–96, 2024. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/73557>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

ANA. AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO. **Qualidade ambiental, 2015**. Disponível em: <www.ana.gov.br>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BECKHÄUSER, A. A liturgia popular da Semana Santa. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 45, n. 177, p. 63–78, 1985. Disponível em: <<https://revistaeclesiasticabrasileira.ift.edu.br/reb/article/view/3435>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BENÉVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BÍBLIA. João. In: **Bíblia Sagrada**. 8. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2024.

BORTOLO, C. A. de. O espaço público do Parque do Povo – Presidente Prudente-SP: Reflexões geográficas. **Geografia em Atos (Online)**, Presidente Prudente, v. 1, n. 13, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/2306>. Acesso em: 13 abr. 2025.

_____. **A Dinâmica dos Espaços Públicos de Lazer em Cidades da Aglomeração Urbana de Londrina – PR**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia). Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.093, de 12 de setembro de 1995**. Estabelece a Sexta-Feira Santa um feriado nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1995.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CALDEIRA, J. M. **A Praça Brasileira – trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. 2007. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

CAMURÇA, M. A.; GIOVANNINI JR, O. Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG). **Horizontes Antropológicos**, v. 9, p. 225-247, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000200012>. Acesso em 13 abr. 2025.

CAVALCANTI, L. de S. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, L.de S. (ORG.). **Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSGROVE, D. E. **Formação social e paisagem simbólica**. Univ of Wisconsin Press, 1998.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 2ª ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

CORRÊA, R. L. **Trajelórias Geográficas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1986. 102p

FERRARI, C. **Curso de planejamento municipal integrado – URBANISMO**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Editora, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico, 1989.

HABERMAS, J. Teoria do agir comunicativo: Racionalidade da ação e racionalização social/trad. Paulo Astor Soethe. **Rev. técnica Flávio Beno Siebeneichler**. WMF Martins Fontes, 2012.



HAMMOUTI, N. D. Diários etnográficos profanos na pesquisa educacional. **Revista Europa de Etnografia de la Educación**, v. 1, n. 2, p. 9-20, set./dez. 2010.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Edições Loyola, 1992.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2022/universo-caracteristicas-dos-domicilios>>. Acesso em: 15 abr. 2025.

_____. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. 5ª ed. São Paulo: Editora Centauro, 2011.

LLARDENT, L. R. A. **Zonas verdes y espacios libres em la ciudad**. Madrid: Closas Orcoyen, 1982.

LOBODA, C. R. Espaço público e práticas socioespaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 32-54, 2009. Disponível em: <<http://200.145.6.156/index.php/cpg/article/view/7439>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MACEDO, S. S. Os Espaços de Edificação e o Destino da Paisagem Urbana. In: seminário sobre desenho urbano no Brasil, 2., São Paulo. **Anais...** São Paulo: Pini, 1986. p. 103-110.

MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

MELO, H. J. F. de. Paixão híbrida: uma reflexão sobre a Paixão de Cristo em Canudos. **Revista Ensaio Geral**, v. 1, n. 2, p. 76-80, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://revistaelectronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/160/85>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MENDONÇA, E. M. S. Apropriações dos espaços públicos: alguns conceitos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844614013>>. Acesso em 13 abr. 2025.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, L. A.; MASCARÓ, J. J. Análise da Qualidade de Vida Urbana Sob a Ótica dos Espaços Públicos de Lazer. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 59-69, abr./jun. 2007.

ROCHA, V. T. R.; SANTOS, M. I. F. dos; BORTOLO, C. A. de. ALVES, R. de C. Parques urbanos na promoção da qualidade de vida: a percepção dos frequentadores do Parque dos Namorados em Francisco Sá, Minas Gerais, Brasil. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, v. 18, n. 35, p. 299-321, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/19202>>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ROCHA, V. T. R.; RIBEIRO, B. S.; ALVES, R. de C.; SILVA, C. A. da. Arte e a cultura em Montes Claros (Minas Gerais-Brasil) em tempos de pandemia/COVID-19. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfnas. v. 2, n.3, p. 44-61, 2022. Disponível em: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/boletimalfenensedegeografia>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

ROSENDAHL, Z. Geografia e Religião. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 20, n. 1, 1995.

_____. Espaço, o sagrado e o profano. In: **Uma procissão na geografia (online)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 77-92. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-05.pdf>. Acesso em 17 abr. 2025.

_____. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, a NEPEC, 2002.

_____. **Uma Procissão na Geografia**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2018

SANTOS, C. D. A. dos. Formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 5, n. 1, 2008.

SOBARZO, O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 10, n. 2, p. 93-111, 2006. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73992>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. Unesp, 2003.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A, 1998.